



O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO COMO OBJETO DE PESQUISA

Vinícius Silva de Moraes¹

Introdução

(...) Aflijo-me quando sinto seus passos pensos pelo peso da mala, da trouxa, do saco, em cadência de partida ou de chegada. Mais pesada, quando voltam, é a carga invisível que trazem por dentro, das perdas e culpas que deixaram sabe Deus onde (Maria Valeria Resende, Vasto Mundo, p.83).

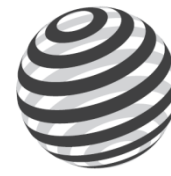
As disciplinas de Estágio Supervisionado - também nomeadas de Prática de Ensino em algumas grades universitárias - formam um conjunto de reflexões no processo de formação de professores que incidem diretamente na construção inicial do *habitus* e da *práxis* docente. Tido, em geral, como apenas um elemento de caráter complementar nos cursos de Geografia², o Estágio Supervisionado articula teoria e prática numa construção relacional infinita (teoria <-> prática <-> teoria e assim sucessivamente) que nos aponta para o fato de que quanto mais nos debruçamos sobre questões teórico-conceituais, mais significativa fica nossa prática e que, por sua vez, auxilia a identificar caminhos pela busca do conhecimento objetivado.

Nesse contexto, sobre a particularidade do Estágio Supervisionado dentro do processo de formação de professores, podemos identificar diversos discursos que não apenas sublinham especificidades desse momento, mas também o valorizam ao torná-lo objeto de investigação.

Logo, destacam-se alguns debates muito profícuos a partir de diferentes prismas e experiências, fato que possibilita uma troca cada vez maior sobre diversas estratégias e metodologias que envolvem a formação de docentes para além de meros conteudistas, mas profissionais com princípios e valores democráticos e libertários. Sublinhamos, nesse

¹ Professor Assistente do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAP-UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Geografia na PUC-Rio - vinnygnaisse@gmail.com

² Principalmente pela desvalorização nítida do magistério tanto fora quando dentro dos muros universitários.



contexto, contribuições com as de Vesentini (2010), Anselmo (2010) e Diniz (2010), que buscam ressaltar e deixar expostas as dificuldades enfrentadas pelo magistério nas últimas décadas³.

Também achamos pertinente chamar a atenção para o fato que parte da produção sobre o Estágio Supervisionado ou se trata diretamente ou permeia uma problematização do papel do mesmo na formação da profissionalidade do professor. Nesse horizonte, salta aos olhos contribuições como a de Oliveira (2010), Buriolla (2001) e Pimentel e Pontuschka (2014, 2015) que afirmam a importância de termos um olhar mais atencioso aos campos de estágio supervisionado.

Ainda frente à relevância do magistério, considerada estratégica no tecido social por ter a capacidade de incidir diretamente no condicionamento de horizontes e oportunidades de desenvolvimento social, observamos, de um modo geral, um discurso que recai sobre uma possível falta de êxito histórico dos cursos de formação docente que estaria falhando no processo de desconstrução de estigmas sociais. Enfim, o que podemos indicar é que existem experiências diferenciadas nesse processo e a partir dessas práticas de formação diferenciada que se torna pertinente a reflexão aqui proposta.

Assim, o Estágio Supervisionado, em nosso entendimento, é central no processo de formação de professores uma vez que articula teoria e prática e constrói o *habitus* e a *práxis* docente dos futuros profissionais no vivência com seus futuros espaços de trabalho - a escola, a sala de aula e as relações sociais que perpassam pela comunidade escolar.

O objetivo geral do presente trabalho é realizar um exercício de compreender essa centralidade do Estágio Supervisionado na especificidade do curso de Licenciatura em Geografia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e, ao mesmo tempo, problematizar limites e potencialidades desse momento da formação por meio de percepções dos graduandos que foram coletadas em pesquisa realizada entre os meses de Fevereiro e Março de ano que corre.

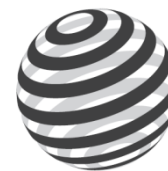
A centralidade do Estágio Supervisionado em Geografia

A formação de professores em Geografia que procura caminhar em direção à formação de professores com autonomia frente aos desafios do magistério e que compreenda as particularidades da profissionalidade docente deve, em nosso entendimento, passar pela conscientização de que estamos, em sala de aula, mediando três grandes dimensões que, em linha geral, se mostram como grandes desafios dentro do magistério⁴.

A primeira dessas dimensões é a do nosso saber de referência, com todo arcabouço teórico-metodológico construído historicamente. Afirmamos essa dimensão como um desafio na medida em que, levando em consideração todas as dificuldades do exercício da docência e a pressão pela produção acelerada do conhecimento, acompanhar a produção bibliográfica dos autores de referência, por exemplo, requer um tempo que muitas das vezes nós professores não temos disponível.

³ Em especial no que diz respeito à subvalorização da habilitação para o magistério e as políticas nacionais que interferem no processo de formação de professores. Vale destacar que os mesmos autores citados também vislumbrarem possibilidades de transformação dentro desse percurso.

⁴ Tivemos a oportunidade de publicar essa reflexão sobre a mediação de saberes em sala de aula em trabalho anterior na Revista Educação Geográfica em Foco. Para maiores reflexões sobre a temática ver Moraes (2018).



O currículo escolar seria a segunda dimensão que mediamos em sala. Esse currículo é considerado um desafio pois nele existem conteúdos que ou não temos contato ao longo da graduação ou esse contato se deu de forma indireta. Nesse caso somos obrigados a, também, ter domínio dos mais diversos temas presentes de forma até mesmo tradicional em nossos currículos da Educação Básica.

A última dimensão que estamos mediando em sala de aula enquanto docentes é a das Ciências da Educação. Isso remete ao fato de que não basta o domínio de conteúdos, de temas e de todo arcabouço teórico-metodológico do saber de referência e do currículo escolar para alcançarmos nossos objetivos no processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, é necessário, também, o domínio das contribuições dadas pela Sociologia, Psicologia e a História da Educação, bem como da Pedagogia e da Didática.

Vale salientar que além de ter o domínio de conteúdos – o saber de referência, dos conteúdos tradicionais e do arcabouço teórico-metodológico das Ciências da Educação – é mister que o professor saiba desenvolver a habilidade de usá-los como meios intelectuais para desvendar e compreender a realidade do mundo, inserindo sentido e significado ao processo de ensino-aprendizagem (Pontuschka, Paganelli, Cacete, 2009). Conforme os conteúdos deixam de ser o fim da aprendizagem, eles passam a ser meios de construção de uma leitura de mundo articulada, organizada e crítica.

O Estágio Supervisionado, por propiciar o vínculo entre universidade e escola na formação de professores, pode ser entendido como um meio pertinente para a construção de valores e comportamentos que refletem essas três dimensões citadas

No que concerne às práticas educativas, o *habitus* profissional apreendido pelos licenciandos passa por princípios e valores que não podem ser meramente transmitidos de forma efetiva por meio dos ensinamentos teórico-conceituais e técnicas promovidas pela academia, mas que só podem ser construídos mediante a observação e problematização da *práxis* profissional.

O conceito de *habitus*, estruturante do pensamento de Pierre Bourdieu, é capaz de conciliar uma aparente oposição entre diferentes realidades sociais: a realidade exterior e as realidades individuais. Por meio do *habitus* podemos entender como é a expressão constante e recíproca entre o mundo objetivo, externo aos nossos corpos, e o mundo das individualidades⁵. Assim, o *habitus*

(...) é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano. Pensar a relação entre indivíduo e sociedade com base na categoria *habitus* implica afirmar que o individual, o pessoal e o subjetivo são simultaneamente sociais e coletivamente orquestrados (SETTON, 2002, p. 63).

⁵ Logicamente compreendemos que ideias, noções e conceitos são passíveis de interpretações e que cada uma delas parte de uma singularidade, mas acreditamos ser interessante nossa interpretação do *habitus* de Bourdieu na medida em que salienta a interrelação entre sociedade e indivíduo na (re)produção do espaço.



O próprio Bourdieu diria que o *habitus* é uma subjetividade socializada e deve ser tomado com um conjunto de percepções, de apropriações e ações que é colocado em prática tendo em vista todo um campo de estímulo. Ou seja, o *habitus* é a expressão da prática social realizada na dialética entre sociedade e indivíduo e, partindo de princípio, temos a possibilidade de entender que nossas ações, nossos comportamentos cotidianos, as nossas escolhas ou desejos individuais não são resultados de prévio planejamento ou cálculo racional, mas sim meios, produtos e condições das relações entre nossos *habitus* individuais e as pressões dos estímulos de uma dada conjuntura socioespacial.

Esse horizonte, de interpretação das nossas escolhas e ações serem derivadas da relação de uma via de mão dupla entre sociedade e indivíduo, remete ao que Milton Santos chama de intencionalidade.

Esse *habitus* exerce, assim, influência decisiva na construção da identidade profissional dos professores, sugerindo a assimilação de técnicas, atitudes, crenças e posturas que socialmente se espera do grupo profissional que fazemos parte. Destacamos e valorizamos, nessa linha de raciocínio, os professores da rede básica, por serem fundamentais na demonstração e transmissão desse sistema de disposições aos licenciandos (BOURDIEU, 2005a, 2005b).

Já o conceito de *práxis*, muito comum entre os pensadores que vislumbram suas pesquisas à luz do materialismo histórico-dialético, remete ao encontro entre teoria e prática, apontando para a ideia de que nossas ações - intencionalmente organizadas - unem ambas as instâncias. A *práxis* não é uma prática qualquer, é uma prática que se constrói na incessante interação dialética entre teoria <-> prática <-> teoria <-> prática e, assim, continuamente. O contato entre alunos e professores da rede básica, licenciandos e professores do ensino superior que atuam em disciplinas de Estágio Supervisionado é necessário para formação de professores de Geografia autônomos, que passam também pelo domínio de elementos da *práxis* do magistério.

Percebemos, nesse sentido, a real centralidade do Estágio Supervisionado no processo de formação de professores e reforçamos a voz de Elza Passini ao afirmar que:

O estágio supervisionado tem um papel fundamental na formação do futuro professor. É o estágio tanto de observação e participação, quanto o de regência, que possibilita ao aluno a vivência das relações no cotidiano escolar, adquirindo informações e habilidades para formar o novo profissional (PASSINI, 2015, p. 29).

Limites e potencialidades do Estágio Supervisionado no contexto da UERJ

Como já apontado, o objetivo no presente trabalho, além de construir uma reflexão sobre a centralidade do Estágio Supervisionado na formação de professores de Geografia, é o de também trazer algumas percepções sobre esse processo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Nesse sentido, procuramos problematizar alguns resultados alcançados em pesquisa realizada recentemente com alguns licenciandos⁶.

Desenvolvemos um questionário para ser respondido online no intuito de verificar como os alunos da Licenciatura em Geografia da UERJ percebem o percurso deles dentro

⁶ Parte dessa pesquisa foi apresentada recentemente no 2o Encontro de Licenciaturas em Geografia realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio.

das disciplinas de Estágio Supervisionado, verificando o período em que eles estão no curso, se já realizaram todo o percurso do Estágio, se eles conseguem refletir sobre possíveis limitações que dificultam a satisfação dos requisitos das disciplinas e se os mesmos seriam capazes de apontar potencialidades - benefícios - dessa trajetória em particular dentro da formação para docência.

Tomamos como uma pequena amostra de dados os 15 alunos que puderam responder o questionário entre os meses de fevereiro e março desse ano. A intenção é continuar com a pesquisa para construir novos caminhos de análise, porém optamos por selecionar essa pequena amostra para já desenvolver algumas compreensões iniciais.

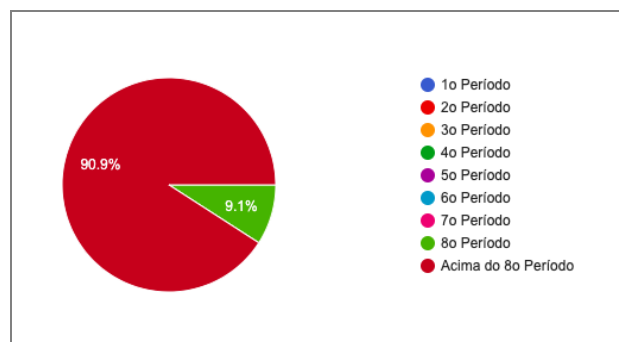


Gráfico 1 - período na graduação
Elaborado pelo autor.

Como podemos observar no gráfico 1, a maior parte dessa primeira amostragem já se encontra nos momentos finais do curso de licenciatura, já tendo cursado ao mínimo 8 períodos, inclusive a maior parte está, de fato, acima do 8º período do curso de Licenciatura. Esse dado é importante pois já aponta para a possibilidade de percepções mais bem desenvolvidas devido ao tempo de estudo e o percurso realizado na graduação.

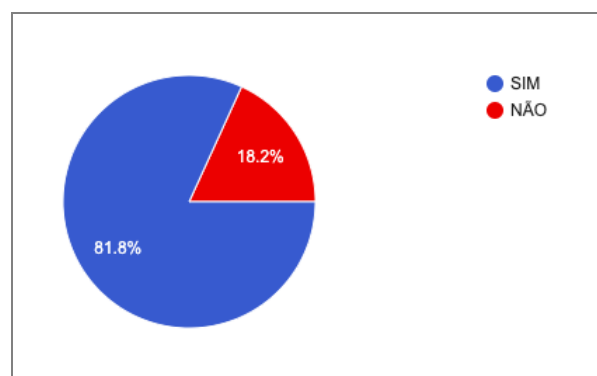


Gráfico 2 - já realizou todas as disciplinas de Estágio Supervisionado
Elaborado pelo autor.

O fato de podermos tomar as percepções dos licenciandos sobre os limites e as potencialidades do Estágio Supervisionado como elaborações amadurecidas dentro do processo de formação de professores de Geografia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro é corroborado pelo gráfico 2. Já ter concluído o percurso no Estágio, como é o caso da maior parte dos que responderam o questionário, abre oportunidade para a sustentação de uma visão de quem “sofreu” com as possíveis barreiras e dificuldades e se beneficiou com as potencialidades do mesmo. Esse dado é importante pois já aponta para a possibilidade de percepções mais bem desenvolvidas devido ao tempo de estudo e o percurso realizado na graduação.

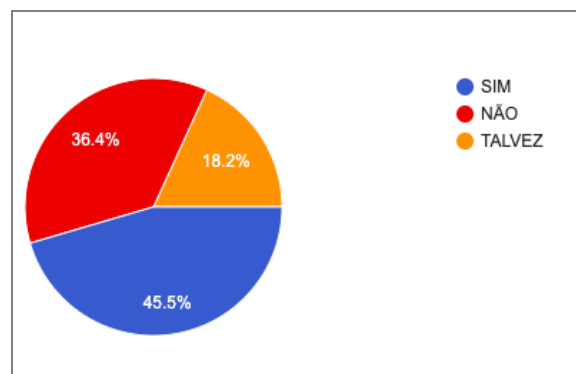


Gráfico 3 - você percebe alguma limitação no Estágio Supervisionado em Geografia?
Elaborado pelo autor.

Quando perguntado se os licenciandos percebem alguma limitação ou dificuldade no Estágio Supervisionado (gráfico 3) optamos por dar a possibilidade deles responderem ‘talvez’ na intenção de abrir espaço para os licenciandos que ainda não elaboraram uma reflexão sobre essa dimensão específica da formação deles – e essa realidade foi confirmada com o resultado da análise de nossa amostragem.

A maior parte apontou que sim, a realização do Estágio Supervisionado apresenta percalços, barreiras, limitações. Alguns pontos merecem destaque por estarem presentes em algumas percepções dos licenciandos: i. falta de diálogo entre as disciplinas de Estágio Supervisionado em Geografia; ii. pouco diálogo entre o campo de Estágio – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – e o Instituto de Geografia do campus Maracanã; iii. as aulas para observação, coparticipação e regência no campo de Estágio estarem concentradas no período da manhã; iv. alto número de estagiários por professor no campo de Estágio, que dificulta, muitas vezes, uma troca mais profunda entre ambos.

Já quando os alunos foram questionados sobre as possíveis potencialidades do Estágio Supervisionado (gráfico 4) dois resultados chamaram atenção: i. todos os alunos se apresentaram um posicionamento mais concreto sobre essa dimensão; ii. a maior parte percebe a importância do Estágio Supervisionado dentro da formação docente.

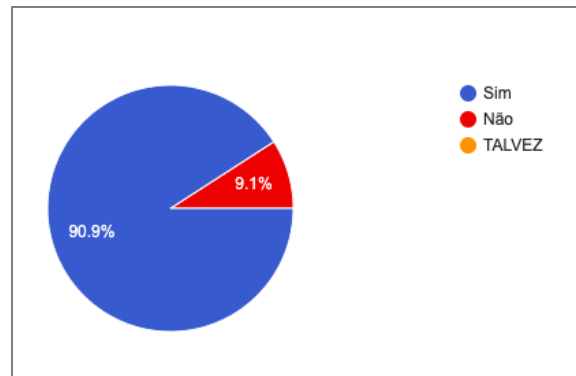


Gráfico 4 - você percebe alguma potencialidade no Estágio Supervisionado em Geografia?
Elaborado pelo autor.

Dentre as respostas dos alunos, destacam-se: i. a possibilidade de colocar em prática os conceitos e conhecimentos Geográficos na educação básica; ii. a introdução no cotidiano do magistério a partir de atividades como observação, coparticipação e regência de aulas; iii. a abertura de espaço para reflexão das práticas docentes.

Considerações finais

Levando em consideração tudo o que foi aqui exposto, podemos tecer inicialmente a conclusão de que o processo de formação de professores, no horizonte do Estágio Supervisionado em Geografia centrado elo entre a Universidade do Estado do Rio de Janeiro e o Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, aponta para uma potencialidade importante e ainda não destacada.

Essa potencialidade surge no contato entre os professores do Instituto de Aplicação, estagiários licenciandos da graduação e os alunos da Educação Básica é rico e possibilita a construção de um ambiente onde todos os participantes dessa construção são beneficiados.

Seguindo mesma conclusão apontada Oliveira, o CAP-UERJ, por ter como função-chave ser um espaço de experimentação para os alunos universitários, se refaz constantemente como um ambiente privilegiado, “o que, por si só, já apresenta vantagens a todos os envolvidos no processo de ensino/aprendizagem” (OLIVEIRA, 2010, p. 283).

Os professores se beneficiam por entrar em contato com inovações elaboradas pelos diversos estagiários que circulam nas salas de aula, tecendo considerações em fichas de observação⁷ e comentando e trocando ideias. O momento do planejamento das regências é um momento rico na medida em que propostas de trabalho diferenciadas acabam surgindo e ventilando até mesmo outros colegas de equipe.

⁷ Essas fichas de observação são instrumentos construídos para fins pedagógicos e são utilizados, preferencialmente, pelos professores do CAP-UERJ que ofertam as disciplinas de Estágio Supervisionado em Geografia. São colocadas em prática no intuito de orientar a forma como são feitas as observações. Nelas os licenciandos devem indicar em cada aula o tema, o objetivo, a metodologia utilizada e tecer algumas considerações a respeito da experiência no ambiente de sala de aula.



Os alunos, ainda nessa seara, também se beneficiam na medida em que muitos deles acabam se identificando com os licenciandos. As propostas de coparticipação levadas pelos licenciandos, por exemplo, levam aos alunos metodologias que fogem do tradicional, facilitando o processo de ensino-aprendizagem e ressaltando outros pontos de vista e formas de saber.

Licenciandos se beneficiam pois eles são inseridos em um ambiente escolar da rede básica da Educação, porém com grandes particularidades. Em linha geral, essas particularidades se resumem no fato do CAP-UERJ ser uma escola da rede básica da Educação, mas com investimentos diferenciados dentro da rede. Em outras palavras, o CAP-UERJ faz parte de pasta diferente do restante da rede, fato esse que imputa ao Instituto uma melhor condição de financiamento.

Nesse sentido, “a própria infraestrutura do colégio e a disponibilidade de seus professores constituem um ambiente ímpar para um acompanhamento efetivamente participativo e contínuo das atividades escolares” (OLIVEIRA, 2010, p. 283).

Gostaríamos, para encaminhamento de conclusões, de nos remeter à epígrafe inserida na introdução do presente texto. Essa epígrafe é parte de uma ficção literária de Maria Valéria Resende, *Vasto Mundo*, onde, em um dado momento, a autora lança mão de um pequeno texto de reflexão sobre a história que ela desenvolve no livro. Esse texto é uma narrativa de um chão em um lugarejo fictício no Nordeste brasileiro, dando um testemunho daquilo que ele observa dos seus moradores no “ir de vir”. Nesse testemunho fica claro como nós, individualmente, mudamos de acordo com os estímulos e relações que construímos ao longo de nossas vidas.

Sempre que volto ao *Vasto Mundo* me lembro dos meus alunos da Licenciatura em Geografia na UERJ. Eles me ensinam muito sobre resistência, sobre a relação entre ensino e aprendizagem e me permitem ter o privilégio de ver - bem como o “chão vivo” criado por Maria Valéria Resende - que, ao passar pelo Estágio Supervisionado, eles não são mais as mesmas pessoas de antes.

O Estágio Supervisionado tem a capacidade de mudar a trajetória na formação de professores, tanto positivamente quanto negativamente. Cabe estarmos sempre lutando pelo desenvolvimento da liberdade e da autonomia docente para agirmos em uma proposição positiva.

Referências bibliográficas

ANSELMO, Rita de Cássia Martins de Souza. A formação do professor de Geografia e o contexto da formação nacional brasileira. In.: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino (orgs.). **Geografia em Perspectiva**. 3ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010. p. 247-254.

BURIOLLA, Marta A. F. **O estágio supervisionado**. São Paulo: Cortez, 2001.

DINIZ, Maria do Socorro. Ouvindo outras narrativas, criando saberes... um novo processo de formação. In.: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino (orgs.). **Geografia em Perspectiva**. 3ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010. p. 288-293.

OLIVEIRA, Cesar Alvarez Campos de. A prática de ensino de Geografia na UERJ: uma proposta alternativa de formação de professores? In.: PONTUSCHKA, Nídia Nacib;



- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (orgs.). **Geografia em Perspectiva**. 3ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010. p. 275-286.
- PASSINI, Elza Yasuko. **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. 2a ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- PIMENTEL, Carla Silvia; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A construção da profissionalidade docente em atividades de estágio curricular: experiências na Educação Básica. In: ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido Pimenta (Orgs.). **Estágios supervisionados na formação docente**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 69-112.
- RESENDE, Maria Valéria. **Vasto Mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2002, n.20, pp.60-70. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05>>. Acesso em: 19 março 2019.
- VESENTINI, José Willian. A formação do professor de Geografia – algumas reflexões. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (orgs.). **Geografia em Perspectiva**. 3ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010. p. 235-240.